# Dia 11 — São Tibúrcio e Santa Susana, Mártires

Nasceu São Tibúrcio em Roma, de família distinta, tanto por seus grandes bens como por seus elevados cargos. Foi filho do ilustre Cromácio, vigário do prefeito da cidade, que desde o primeiro ano do império de Diocleciano teve especial comissão para julgar os acusados de cristianismo e foi convertido à fé por São Sebastião e por São Tranquilino, pai dos santos mártires Marcos e Marcelino; e, depois de ter dado liberdade a mil e quatrocentos escravos que se fizeram cristãos, tendo recebido o batismo toda a sua família, renunciou ao cargo e retirou-se a sua casa de campo, a qual foi o refúgio dos perseguidos fiéis. Seguiu Tibúrcio a ditosa sorte de seu pai e, desde sua conversão, sobressaiu entre os mais fervorosos cristãos, assim como havia sobressaído nos tribunais por seu engenho e por sua rara eloquência, sendo reputado, embora muito jovem, um dos hábeis advogados de seu tempo. Logo que se fez cristão, causaram-lhe tédio e desgosto todos aqueles vãos aplausos, trocando o amor às ciências humanas pelo estudo e aplicação à importante ciência da salvação. Renunciou à advocacia e, embora sua virtuosa inclinação o chamasse ao retiro da solidão, o desejo que por outra parte tinha do martírio lhe representou esse retiro como espécie de fuga, com visos de covardia. Vendo o papa São Caio que de dia para dia ia crescendo o fogo da perseguição, desejava que Tibúrcio se ausentasse de Roma, considerando o perigo de um jovem recém-convertido à fé e no mais florido de seus anos; mas o santo jovem rogou-lhe com tanta instância que lhe permitisse ficar na cidade ao risco e fortuna dos confessores de Cristo que o santo pontífice se rendeu às razões de seu fervoroso afilhado.

Depressa fizeram ruído seu zelo e sua virtude. Saiu um dia de sua casa e achou-se na rua com um homem que, tendo caído de um andar elevado, se havia feito em pedaços e não dava sinal algum de vida. Compadeceu-se daquela desgraça, e muito mais da perda daquela alma; cheio de fé e de confiança, aproximou-se do moribundo, fez sobre ele o sinal da cruz e mandou-lhe, em nome de Jesus Cristo, que se levantasse e renunciasse às superstições do gentilismo. Fê-lo logo o que parecia cadáver; seguiu-se a saúde da alma à do corpo; e, divulgada pela cidade esta maravilha, os cristãos se confirmaram na fé e muitos gentios a abraçaram.

Crescia a cada dia o zelo de Tibúrcio, explicando-se no contínuo exercício de obras de caridade. Não cessava de percorrer dia e noite tanto as casas dos cristãos como os lugares subterrâneos onde os tinha escondidos a perseguição, exortando-os à perseverança, animando-os a derramar generosamente o sangue por Jesus Cristo e socorrendo com esmolas os necessitados. Desejava ansiosamente que os que faziam profissão de cristãos acreditassem sua religião com a pureza dos costumes e com a santidade da vida; por isso não se podia conter sem corrigir com brandura e com caridade os menos regrados, que desonravam sua profissão com o desconcerto de sua vida.

Entre os que haviam recebido o batismo achava-se um certo Torquato, insigne hipócrita, que, tendo renunciado à fé secretamente, se fingia cristão no exterior, embora vivesse como homem verdadeiramente mundano. Não pôde Tibúrcio dissimular sua profanidade no vestir, seus excessos na mesa, sua desordenada paixão pelo jogo, nem seus modos licenciosos e efeminados. Repreendeu-lhe com zelo e com caridade a licença que tomava em dispensar-se dos jejuns e orações da Igreja, gastando em dormir o tempo que os fiéis empregavam em orar e velar.

Afetou Torquato ouvir com docilidade, e até com estima, estes caritativos avisos; mas, altamente ofendido em seu coração, conservou dentro dele um implacável desejo de vingar-se e de perder quem com tanta caridade procurava a salvação de sua alma. Tendo mandado o imperador Diocleciano que se fizesse uma exata pesquisa de todos os cristãos e que fossem condenados sem remissão ao último suplício todos aqueles que se negassem a sacrificar aos deuses, avisou secretamente Torquato aos ministros do imperador que Tibúrcio era cristão e que com toda a segurança podiam lançar mão de sua pessoa; mas, para encobrir melhor que ele havia sido o delator, preveniu-os artificiosamente que o prendessem também a ele. Fizeram-no assim e apresentaram-no diante do tribunal de Fabiano, sucessor de Cromácio. Perguntado Torquato por sua religião, confessou que era cristão e que o havia convertido Tibúrcio, a quem respeitava e amava como a seu mestre, estando muito resolvido a segui-lo em tudo. Desde logo conheceu Tibúrcio o artifício, como quem tinha tão penetrado o fundo daquele perverso coração; e assim, voltando-se para ele, disse-lhe: «Não penses que se me escondam teus embustes, nem que deixo de penetrar tua perfídia. Nenhum de nós te reconheceu jamais por discípulo de Jesus Cristo; tua vida desmentiu sempre tua fé; nem era possível que se contasse no número dos fiéis quem vivia como um gentio; tuas vergonhosas desordens eram o melhor testemunho da religião que professavas. É verdade que vivias entre nós; mas não eras dos nossos. Boa prova disso é tua aleivosa traição. Mas não creias que me ofendeste com ela; antes, pelo contrário, intentando minha ruína, proporcionaste-me o maior bem a que eu podia aspirar. Nada desejava com mais ardente paixão do que derramar todo o meu sangue e dar minha vida por amor daquele Senhor que primeiro quis expirar por meu amor cravado num afrontoso madeiro.»

Irritado Fabiano com este discurso, interrompeu-o dizendo que deixasse de falar tanto e tratasse de sacrificar aos deuses do império. «Eu (respondeu o santo) não reconheço outro Deus senão o único Deus verdadeiro, criador do céu e da terra; só a ele ofereço sacrifícios; ditoso eu, se eu mesmo merecesse ser vítima sacrificada por seu amor.» «Seja como for (replicou o juiz), é preciso obedecer neste mesmo ponto, ou dispõe-te a passear muito devagar sobre carvões acesos.» «Pronto estou (replicou Tibúrcio) a sofrer os mais cruéis tormentos, pois já é coisa muito sabida que estes não espantam os cristãos.» Admirado Fabiano daquela intrepidez, ordenou que se estendesse sobre o pavimento um grande monte de carvões acesos; e que ou Tibúrcio lançasse incenso naquelas brasas em honra dos deuses, ou em sua presença e com os pés descalços passeasse muito devagar por cima delas. Não esperou o santo que o descalçassem; ele mesmo tirou apressadamente o calçado e começou a passear sobre as brasas com tanto sossego e com tanta serenidade como se passeasse sobre um tapete de rosas. Encheram-se de admiração os circunstantes; mas o juiz, aceso em cólera e não podendo sofrer aquele ilustre testemunho da verdade da religião cristã, à falta de razões lançou mão das injúrias e recorreu às blasfêmias. «Já sabemos todos há muito tempo (exclamou irritado) que esse vosso Cristo ensina a arte mágica a todos os seus sequazes, e assim não nos causa admiração o sortilégio que acabas de executar.»

Não pôde Tibúrcio ouvir sem horror aquela grande blasfêmia; penetrou-lhe até o coração o ultraje feito a Jesus Cristo; e, aceso seu fervoroso zelo, falou com tanta eloquência e com tanta energia, tanto da divindade como do poder do Salvador, demonstrou com tanta evidência a impostura e a falsidade daquela negra calúnia que, não podendo Fabiano sofrer mais o desprezo de seus deuses, pronunciou sentença de morte contra o santo.

Conduziram-no a uma légua da cidade, na via Labicana, e ali lhe cortaram a cabeça no dia 11 de agosto do ano 286. Um cristão que se achou presente à execução cuidou de enterrar seu corpo; e desde logo fez Deus célebre e glorioso seu sepulcro com multidão de milagres. Duas piedosas senhoras, chamadas Lucina e Fermina, parentas do mesmo santo, edificaram naquele sítio uma espécie de retiro para servir nele a Deus o resto de seus dias.

Com a festa de São Tibúrcio junta a Igreja a de Santa Susana, virgem e mártir. Era uma nobilíssima donzela romana, parenta do imperador Diocleciano, filha de São Gabino e sobrinha do santo papa Caio. Cuidaram os dois irmãos de dar a Susana a mais cristã educação, inspirando-lhe contínuas máximas da mais elevada santidade. O terno amor que professou desde o berço à Rainha das virgens infundiu-lhe um amor constante à castidade; e mal pôde conhecer o que valia esta admirável virtude fez voto de não admitir outro esposo senão Jesus Cristo, dedicando-lhe sua virgindade desde a mesma infância.

Não ignorava o imperador que seus sobrinhos Gabino e Caio eram cristãos; nem tampouco duvidava de que Susana, mais conhecida por sua rara virtude do que por sua extraordinária formosura, seria também da religião de seu pai e de seu tio; mas, como Diocleciano nos primeiros anos de seu império parecia favorável aos cristãos, deixava-os viver em paz, e sua própria família estava cheia deles. Aproveitando-se nossa santa desta tranquilidade, fazia assombrosos progressos na virtude. Era sua modéstia a admiração de todos; e por seu amor à oração e à contemplação achava no retiro todas as suas delícias. Seu exemplo era o que mais se respeitava, e sua vida a que se punha por modelo às donzelas cristãs. A uma virtude tão singular necessariamente havia de corresponder um glorioso fim; e parecia como de justiça que à vitoriosa palma de virgem se acrescentasse a triunfante coroa de mártir.

Ao mesmo tempo que Diocleciano criou césar a Maximiano Galério, fê-lo também genro seu, dando-lhe por esposa sua única filha Valéria. Morta esta, quis que Maximiano se casasse com Susana, filha de seu sobrinho Gabino, e mandou a um senhor parente seu, chamado Cláudio, que fizesse a Gabino de sua parte esta proposta. Ouviu-a Gabino com o maior agradecimento, manifestando a Cláudio quão reconhecido e obrigado o deixava a honra que se dignava dispensar-lhe a bondade do imperador; mas acrescentou que antes de tudo era indispensável o consentimento de sua filha. Concordou Cláudio no mesmo e suplicou a Gabino que a chamasse. Logo que Susana se deixou ver, adiantou-se aquele cavalheiro para saudá-la cortesmente e para dar-lhe um reverente ósculo, segundo o costume. Retirou Susana o rosto, dizendo que jamais havia permitido a homem algum semelhante licença, e muito menos a permitiria a um gentio. Surpreendido Cláudio, disse-lhe com respeito: «Senhora, vós olhais em mim como um crime minha religião; se vivo errado, acrescentai-me a honra de fazer-me conhecer meu erro.» Animada então a santa com o espírito de Deus, representou-lhe com tanta graça e ao mesmo tempo com tanta energia os absurdos e as impiedades do paganismo que aquele senhor se mostrou

extraordinariamente comovido e, com as lágrimas nos olhos, suplicou-lhe que lhe dissesse o que devia fazer para reparar os descaminhos de sua vida. «Nada mais (respondeu Susana) que renunciar de todo o teu coração às superstições gentílicas e lavar as culpas de tua alma nas águas do batismo; no mais, meu pai e meu tio te ensinarão como te deves dispor para receber esta graça.»

Gostosamente surpreendidos Gabino e Caio daquela ditosa mudança, falaram-lhe com tanta eficácia sobre a santidade de nossa religião que, depois de o terem suficientemente instruído, tanto a ele como a sua mulher Prepedigna e a dois filhos seus, tiveram a consolação de administrar a todos o santo batismo. Entretanto, vendo o imperador que Cláudio não voltava com a resposta de sua comissão, e até observando que não se deixava ver na corte, mandou a Maximino, irmão do mesmo Cláudio, que se informasse do motivo desta novidade. Ficou Maximino admirado quando entrou no quarto de seu irmão e o achou prostrado aos pés de um crucifixo e banhado em doces lágrimas; mas cresceu sua admiração quando ouviu de sua própria boca que era cristão e que chorava a cegueira e os desacertos de sua vida. Atônito Maximino com tão inopinada mudança e solicitado interiormente pelos poderosos impulsos da graça, mostrou-se igualmente ansioso de ser instruído nos mistérios de nossa fé e de receber o batismo. Informado de tudo o santo papa Caio, instruiu-o nos pontos essenciais da religião; e, achando-o muito disposto, batizou-o e exortou-o a ser fiel. Prosseguindo as milagrosas operações da graça no coração daqueles dois irmãos verdadeiramente convertidos, tomaram a resolução de vender todos os seus bens e de empregar o produto deles na assistência dos fiéis. Noticioso o imperador de que os dois irmãos, longe de desempenharem sua comissão, se haviam convertido à fé e eram os primeiros que confirmavam Susana na santa resolução de não admitir aquela nem outra alguma boda, entrou em tanta cólera que jurou a perda geral de todos os cristãos e, no mesmo ponto, enviou desterrados a Óstia Cláudio e Maximino, que poucos dias depois receberam naquele porto a coroa do martírio. Mandou também que fosse presa Susana com seu pai Gabino e não poupou diligência alguma para pervertê-la; mas de tudo triunfou sua fé e sua inabalável constância. Nem as promessas tentadoras, nem as esperanças mais lisonjeiras, nem o próprio augusto título de imperatriz foram bastantes para deslumbrá-la. Ameaçaram-na com todos os tormentos que podiam causar-lhe mais horror, até que expirasse entre os maiores e mais cruéis suplícios; mas sua resposta foi mostrar a cada instante mais acesas ânsias de padecer mais e mais por seu celestial Esposo. Informado Diocleciano da firmeza de suas respostas e de sua última resolução, abandonou-se a toda a cruel barbaridade de seu gênio. Deu ordem para que se fizesse afrontoso insulto e violência à virginal integridade da santa; mas um anjo do Senhor a defendeu contra a brutalidade dos pagãos. Atribuíram-se, como sempre, a efeitos da magia estes auxílios do céu; e Diocleciano deu comissão a um de seus oficiais chamado Macedônio para que prosseguisse a causa e obrigasse Susana a sacrificar aos ídolos. Apresentaram-lhe um simulacro de Júpiter e a santa, levantando os olhos ao céu, suplicou humildemente ao Senhor que se dignasse confundir a superstição dos pagãos. Logo desapareceu a estátua, e acharam-na na rua a duzentos passos da casa. Deixou atônito o oficial esta maravilha, mas não o converteu; e, sem lhe falar já de incensos nem sacrifícios, mandou que a despedaçassem a açoites dentro de sua mesma casa; o que se executou sem que lhe pudessem arrancar nem a mais leve queixa. A cada golpe voltava docemente os olhos para o céu, rendendo mil graças a Deus porque a fazia digna de padecer alguma coisa por sua glória. Desesperado o tirano à vista daquela constância, deu parte de tudo ao imperador, assegurando-lhe que Susana era inflexível; e Diocleciano mandou que dentro de sua mesma casa lhe cortassem a cabeça.

Diz-se que Serena, mulher do imperador e cristã oculta, foi secretamente de noite ao lugar da execução, onde embebeu seu próprio véu no sangue da ilustre mártir, conservando-o depois como preciosa relíquia. Foi sepultado o corpo da santa numa gruta que se chamava a gruta dos mártires, e sua casa foi convertida em igreja pelo papa São Caio, que nela celebrou o divino sacrifício em honra da mesma santa. Reedificou-se com o tempo esta mesma igreja, a que hoje subsiste, e estão na posse dela as religiosas bernardinas. O martírio de Santa Susana crê-se que sucedeu no ano 295, seis meses antes do de São Gabino e oito anos antes do de seu tio São Caio.

# Martirológio Romano

Em Roma, entre os loureiros, a festa de São Tibúrcio, mártir, que, sob o juiz Fabiano, na perseguição de Diocleciano, caminhando descalço sobre carvões acesos e confessando a Jesus Cristo com maior empenho, foi condenado a ser degolado a três milhas fora da cidade.

Em Roma ainda, Santa Susana, virgem, de uma família distinta e sobrinha do papa São Caio, a qual mereceu a coroa do martírio perdendo a cabeça sob o cutelo no tempo de Diocleciano.

Em Comana, no Ponto, Santo Alexandre, apelidado o carvoeiro, bispo, o qual, de hábil filósofo, chegando a ser sapientíssimo na eminente ciência da humildade cristã e elevado a bispo daquela cidade por São Gregório Taumaturgo, se fez muito ilustre não só por suas pregações, mas também por causa do martírio de fogo que padeceu.

No mesmo dia, o martírio de São Rufino, bispo dos Marsos, e de seus companheiros, sob o imperador Maximino.

Em Évreux, na França, São Taurino, bispo, o qual, nomeado bispo daquela cidade pelo papa São Clemente, propagou a fé cristã com a pregação do Evangelho e, depois de ter empreendido muitas obras para seu acrescentamento, adormeceu no Senhor, sendo também ilustre por milagres.

Em Cambrai, na França, São Gério, bispo e confessor.

No Abruzo Ulterior, São Equício, abade, cuja santidade é atestada pelo papa São Gregório.

Em Todi, Santa Digna, virgem.

Em Milly, perto de Beauvais, São Dinevanto, despedaçado por uns ímpios.

Em Jouarre, em Brie, Santa Aguilberta, abadessa daquele mosteiro.

Em Arles, Santa Rústica, oriunda de Vaison, abadessa de São Cesário de Arles.

Neste mesmo dia, São Liebaut, abade de Saint-Aignan de Orléans, fundador de São Bento do Loire.

Na Irlanda, Santa Atracta, virgem.

Em Rieti, na Itália, o venerável Bandino, cisterciense, a quem está dirigida a epístola décima quinta de São Bernardo.

# Missa (oração)

A missa é em honra dos santos, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Sanctorum martyrum tuorum Tiburtii et Susannæ nos, Domine, foveant continuata præsidia; quia non desinis propitius intueri, quos talibus auxiliis concesseris adjuvari. Per Dominum...*

**Português:** Favoreça-nos, Senhor, a contínua proteção de vossos santos mártires Tibúrcio e Susana; pois nunca deixais de olhar benignamente aqueles a quem concedestes semelhantes protetores. Por nosso Senhor...

# Epístola

A epístola é do capítulo 25 do Eclesiástico.

**Eclesiástico 25,11-15**

> **Latim:** 11 Beatus qui habitat cum muliere sensata, et qui lingua sua non est lapsus, et qui non servivit indignis se. 12 Beatus qui invenit amicum verum, et qui enarrat justitiam auri audienti. 13 Quam magnus qui invenit sapientiam et scientiam ! sed non est super timentem Dominum. 14 Timor Dei super omnia se superposuit. 15 Beatus homo cui donatum est habere timorem Dei : qui tenet illum, cui assimilabitur ?

**Português:** 11 Ditoso aquêle que habita com uma mulher de bom senso, e que não caiu pela sua língua, e que não serviu a pessoas indignas dêle. 12 Ditoso o que acha um amigo verdadeiro, e o que fala da justiça a um ouvido que lhe dá atenção. 13 Que grande é aquêle que acha a sabedoria, e a ciência! Porém com tudo isso não tem vantagem sôbre aquêle que teme ao Senhor. 14 O temor de Deus se elevou sôbre tudo: 15 Bem-aventurado o homem, a quem foi conferido o dom de ter o temor de Deus: Com quem se comparará aquêle que o possui?

# Nota

«O capítulo 25 do Eclesiástico, de onde se tirou esta epístola, explica três coisas que aprova o Espírito Santo, a saber: a união dos irmãos, o amor dos próximos e a boa inteligência entre marido e mulher. Acrescenta outras dez que podem contribuir para nossa felicidade. Depois faz um elogio do santo temor de Deus.»

# Reflexões

*Bem-aventurado aquele que encontra um amigo verdadeiro.* Não há hoje coisa mais comum no mundo do que o nome de amigo; mas tampouco há mais rara do que achar um que o seja verdadeiramente. É a amizade uma tácita convenção de amar-se e de estimar-se reciprocamente; considera bem se em nossos tempos reina muito no mundo esta convenção. O que hoje os homens chamam amizade, falando com propriedade, não é mais que um dissimulado comércio de interesse em que o amor-próprio sempre espera ganhar alguma coisa; e, acabando-se o interesse, acabou-se também a amizade. É o mundo um grande teatro em que, com capa de amizade, se enganam os homens uns aos outros. Quem tem mais habilidade para dissimular, esse passa muitas vezes pelo melhor amigo. Cheio está o mundo destas amizades aparentes. Quem visse aquelas demonstrações expressivas, cheias aparentemente de intimidade e de carinho; quem ouvisse aqueles protestos de uma amizade fina e eterna, aqueles oferecimentos dos maiores serviços, julgaria que a amizade é a alma que anima e põe em movimento todo o comércio do mundo; com tudo isso, mal se achará um verdadeiro amigo entre os que professam viver ao estilo dele. Desfazem-se todos em cumprimentos e em cortesias; mas não há coisa menos sincera nem mais falaz. Os homens do mundo, enquanto são teus amigos, é enquanto lhes podes ser de algum proveito; quando já não esperam coisa alguma de ti, acabou-se a amizade. O nó desta amizade aparente é uma paixão; e de uma paixão quem poderá fiar-se? Uma enfermidade, um revés de fortuna, uma desgraça é uma ventania que dissipa todos estes falsos amigos. Os mundanos são pródigos em cumprimentos; pobre daquele crédulo que queira ser o joguete e a zombaria deles! O espírito do mundo é inimigo de toda verdadeira amizade, e os poderosos mal a conhecem. Quem faz muito caso dos amigos que se chamam cortesãos? E, com tudo isso, mal se cultivam outros. Mas não se creia que a amizade reina mais na classe menos elevada. Seguramente se pode dizer que a verdadeira amizade está desterrada do mundo. O interesse é o único que liga os corações; pois que maravilha é que um laço tão débil se rompa tão facilmente? Mas talvez se encontre entre os parentes a verdadeira amizade. Ah, que não há inimizade mais viva que a que se introduz nas pessoas de uma mesma família. Mesmo a amizade mais bem estabelecida está sempre pendente do humor e do capricho. Usa-se pouco no mundo a boa-fé e, por conseguinte, hão de ser muito poucos os amigos verdadeiros. Desenganemo-nos: só é verdadeira amizade aquela que está fundada na virtude. Nenhuma há senão a que se apoia neste alicerce: só ela é a que está a coberto contra as inconstâncias da vida. Nela não tem parte nem a paixão, nem o interesse, nem o capricho; mantém-se imóvel em meio às tempestades. Somente os bons podem contar com ela

com inteira segurança; por isso só há amizade verdadeira entre os virtuosos.

# Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus, e o mesmo do dia II, pág. 53.

**Mateus 25,14-23**

> **Latim:** 14 Sicut enim homo peregre proficiscens, vocavit servos suos, et tradidit illis bona sua. 15 Et uni dedit quinque talenta, alii autem duo, alii vero unum, unicuique secundum propriam virtutem : et profectus est statim. 16 Abiit autem qui quinque talenta acceperat, et operatus est in eis, et lucratus est alia quinque. 17 Similiter et qui duo acceperat, lucratus est alia duo. 18 Qui autem unum acceperat, abiens fodit in terram, et abscondit pecuniam domini sui. 19 Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem cum eis. 20 Et accedens qui quinque talenta acceperat, obtulit alia quinque talenta, dicens : Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sum. 21 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui. 22 Accessit autem et qui duo talenta acceperat, et ait : Domine, duo talenta tradidisti mihi, ecce alia duo lucratus sum. 23 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui.

**Português:** 14 Porque assim he como hum homem, que ao ausentar-se para longe, chamou aos seus servos, e lhes entregou os seus bens. 15 E deo a hum cinco talentos, e a outro dous, e a outro deo hum, a cada hum segundo a sua capacidade, e partio logo. 16 O que receberá pois cinco talentos, foi-se, e entrou a negociar com elles, e ganhou outros cinco. 17 Da mesma sorte tambem o que receberá dous, ganhou outros dous. 18 Mas o que havia recebido hum, indo-se com elle, cavou na terra, e escondeu alli o dinheiro de seu senhor. 19 E passando muito tempo, veio o senhor d'aquelles servos, e chamou-os a contas. 20 E chegando-se a elle o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, tu me entregaste cinco talentos, eis-aqui tens outros cinco mais que lucrei. 21 Seu senhor lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor. 22 Da mesma sorte apresentou-se tambem o que havia recebido dous talentos, e disse: Senhor, tu me entregaste dous talentos, eis-aqui tens outros dous, que ganhei com elles. 23 Seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor.

# Meditação

*Importa muito não desprezar as coisas mais pequenas*

# Primeiro ponto

Considera que é grande erro, mesmo entre aqueles que fazem profissão de virtude, fazer pouco caso das faltas ligeiras e descuidar-se facilmente no cumprimento das obrigações miúdas; pois deste descuido e desta negligência costumam nascer as mais lastimosas quedas. «Quem despreza as coisas pequenas (diz o Eclesiástico), pouco a pouco cairá nas grandes.» «Aqueles que se precipitam nas maiores desordens (diz São Bernardo) começaram no princípio por coisinhas de pouca consideração.» Ninguém cai em excessos de repente. Sucede nas enfermidades da alma o mesmo que nas do corpo; umas e outras se formam pouco a pouco. No princípio era fácil evitar aquele desarranjo de humores, aquela inflamação interna, aquela febre maligna, aquele catarro; todas estas enfermidades mortais eram quase nada nos princípios. Com não se ter exposto àquele ar violento e coado; com ter-se abstido de comer aquela fruta; com um pouco de regime e com um leve remédio, ter-nos-íamos livrado de uma enfermidade mortal. Mas, depois que os humores malignos inundaram todo o corpo; depois que tomou curso a fluxão; depois que se formou no peito um depósito inesgotável de fleumas e de cóleras, inutilmente se acode à medicina; quando prevaleceu a enfermidade, já chegam tarde os remédios. Não têm outras causas as mortes repentinas. Do mesmo modo devemos discorrer nas enfermidades da alma; porque é cabal e perfeita a analogia. Meu Deus, quão longe costuma levar a alma o pouco apreço das faltas ligeiras! Quantas funestas quedas nos teria poupado um pouco mais de observância, um pouco mais de delicadeza de consciência, um pouco mais de devoção e de mortificação! Estas frequentes infidelidades debilitam a alma; e, uma vez debilitada com essas contínuas indisposições, faltando-lhe por outra parte muitos auxílios de que a priva sua pouca fidelidade, terá forças para resistir a uma violenta tentação? Nisto se fundou São Gregório quando disse que as faltas ligeiras eram de certo modo mais perigosas que as grandes; estas, por isso mesmo que se conhecem melhor, se aborrecem e se evitam facilmente; mas aquelas não se trata de evitá-las, porque mal se conhecem. Uma febre violenta sobressalta, e logo se acode ao remédio; mas facilmente nos domesticamos com uma febrezinha lenta, que ao cabo nos lança na sepultura.

# Segundo ponto

Considera que nenhuma coisa é de maior prejuízo para a alma que a negligência habitual no cumprimento das obrigações mais miúdas. É achar-se naquele fatal estado de tibieza que, se não é sinal certo, é dos indicativos menos falíveis de reprovação. «Preveniste-te contra os pecados graves (diz Santo Agostinho); mas que fizeste, ou que fazes, para te livrares dos leves?» *Præcavisti magna: de minimis quid agis?* Pois quê, não temes essas contínuas negligências, essas frequentes infidelidades, essas faltas ligeiras? *An non times minuta?* «Lançaste ao mar as cargas mais pesadas que podiam submergir o navio; evitaste os escolhos retirando-te ao porto da religião; mas

guarda-te, não suceda que a muita areia que deixaste no fundo do casco o faça ir a pique dentro do mesmo porto»: *Projecisti molem; vide ne arena obruaris.* Desenganemo-nos: aquelas graças tão poderosas, aqueles singularíssimos auxílios que vêm em tão bom tempo reservam-se só para aqueles corações generosos, para aquelas almas fiéis que não examinam se o que manda Deus é de preceito ou de puro conselho, de obrigação estreita ou de boa correspondência. Dizes que essas regras miúdas, esses santos estilos, essas observâncias são verdadeiramente umas miudezas. Sejam-no embora; mas com que cara pedes a Deus que te conceda as maiores graças, ao mesmo tempo que lhe negas os menores e mais fáceis obséquios? Raras vezes se encontram criados que maquinem contra a vida de seus amos; mas quem se quereria servir de um criado que se negasse a fazer os regulares ofícios da casa e só quisesse fazer aquilo que lhe mandassem sob graves penas? Quando se arruínam ou se deixam cair as fortificações exteriores de uma praça, já não fica em estado de defesa. Levantem-se dentro dela todas as trincheiras que se quiserem; não é possível que resista por muito tempo a um inimigo poderoso, estando tão descoberta. As piedosas devoções, a observância das regras, as obrigações miúdas do estado são as fortificações exteriores da praça. Não estando bem guardadas todas as avenidas, pode-se e deve-se temer uma surpresa. Todas as infidelidades habituais com Deus mostram ou indicam um destempero de coração muito digno de temer-se. Não está longe o rompimento com um amigo ou com um amo quando se o contempla pouco e se repara menos em desgostá-lo muitas vezes.

Reconheço, Senhor, meu perigo e vejo com toda a clareza quanto vos desagradaram minhas passadas infidelidades. Bem-aventurado o servo fiel em coisas pequenas. Fazei, Senhor, que eu seja daqui em diante este servo fiel. Resolvido estou, meu Deus, a cumprir exatamente as obrigações mais pequenas, conhecendo que este é o único meio para perseverar em agradar-vos.

# Jaculatórias

> *Utinam dirigantur viæ meæ ad custodiendas justificationes tuas!* Sl 118.

Dignai-vos, Senhor, fazer-me caminhar pelo caminho de vossos preceitos.

> *Inclina cor meum in testimonia tua, et non in avaritiam.* Sl 118.

Inclinai, Senhor, meu coração a dar-vos gosto em tudo, sem vos negar coisa alguma que lhe peçais.

# Propósitos

1. Estando cheia nossa vida de obrigações miúdas e tropeçando a cada momento dela com estas que se chamam coisas pequenas, ser infiel a Deus nestas coisas é ser-lhe infiel por toda a vida e desagradar-lhe continuamente. Uma leve mortificação, certa exatidão particular nos mais exatos deveres, a pontualidade em cumprir com suas especiais devoções, a modéstia dos olhos, a circunspecção em todos os demais sentidos, certa delicadeza de consciência nas que se chamam miudezas; todas estas, na verdade, são coisas pequenas, mas não é coisa pequena a fidelidade nestas coisas; antes, esta exata e constante fidelidade é em parte o distintivo dos santos. Não chames já daqui em diante pequena a coisa que te pode ser ocasião das maiores desgraças. No serviço de Deus nada há pequeno; e assim nada hás de desprezar. Tem presente que o mesmo Senhor só louva no servo fiel sua exatidão em coisas pequenas: *in pauca fuisti fidelis*; e procura merecer este elogio. Não omitas devoção nem obrigação alguma de teu estado. Sê, por assim dizer, escrupuloso nas coisas mínimas precisamente porque Deus te pede este pequeno sacrifício. Longe está de descuidar-se nas obrigações mais graves quem, por agradar a Deus, não se descuida nas mais leves.

2. Poucas horas há no dia, e poucos instantes das mesmas horas, em que não se ofereça ocasião de alguma mortificação ou de exercitar algum ato de virtude: privar-se de uma vista curiosa; sacrificar um capricho; suprimir um dito gracioso; sufocar os movimentos do amor-próprio; reprimir os ímpetos do gênio; praticar uma obra de caridade; em tudo hás de ser exato e pontual. Vem-te vontade, não já de omitir, mas de deixar para outra hora aquela oração ou aquela devoção? Não te deixes levar dessa ligeireza de teu espírito nem dessa inconstância de teu coração. Levanta-te muito pontual à hora assinalada; mortifica constantemente tua curiosidade; reprime até os menores movimentos do orgulho. Guarda exatamente as mais miúdas regras: bênção da mesa, ação de graças depois de comer; tranquilidade e afabilidade inalterável em todos os vários acasos da vida; modéstia respeitosa no templo; orações vocais de devoção. Nada omitas de quanto possa ser grato aos olhos de Deus. Jamais dês ouvidos aos respeitos humanos; sê em tudo e por tudo servo fiel. Por meio destes piedosos exercícios chega-se a ser santo.

---

Revision #1
Created 20 November 2026 20:51:20 by Admin
Updated 20 November 2026 20:51:20 by Admin